



Revista ComSertões

### ***“Comunicação é a essência do desenvolvimento”: diálogos com José Marques de Melo***

Em 2014 o Brasil relembrou os 50 anos do golpe militar que marcou a história do país. Quais os impactos da Ditadura na nascente Escola de Comunicação Brasileira? Para ir atrás desta resposta, a ComSertões acredita que a memória é o melhor caminho.

Neste sentido, a revista resgata as escolhas e rumos da vida pessoal de José Marques de Melo com o período mais duro da recente história brasileira. José Marques de Melo foi um dos pioneiros da comunicação no Brasil, participou da fundação de uma das mais importantes escolas de comunicação do país, criou a principal sociedade de pesquisa brasileira na área comunicacional e liderou a integração dos investigadores latino-americanos. Tudo isso sob os olhos vigilantes da Ditadura.

Nos trechos a seguir, tentamos evidenciar o homem, seus causos e percalços que o levaram a ser uma das maiores referências na longa trajetória de construção de uma Ciência da Comunicação brasileira.

Agradecemos a Thomas Tufte pela liberação deste trecho da entrevista, realizada no dia 08 de novembro de 2012, na casa de José Marques de Melo, em São Paulo, e que faz parte de um acervo privilegiado de seu projeto de pesquisa internacional que retoma os pioneiros da Comunicação para o Desenvolvimento na América Latina, África e Ásia.

Esperando que essa trajetória possa servir de inspiração para os pesquisadores e comunicadores dos sertões afora, com a palavra, José Marques de Melo:

#### ***Como tudo começou?***

Eu comecei a carreira na comunicação como jornalista comunitário com 15 anos. Fui repórter da Gazeta de Alagoas, cobrindo a minha comunidade, Santana do Ipanema. As pautas eram casamento, eleição, velório e etc... Mas eu ia prestando atenção nos temas ligados à estagnação da comunidade. O pessoal fazia muita festa, mas a escola estava caindo aos pedaços...

Nesse momento vi que ser jornalista não é tão simples assim. Você tem que enfrentar as consequências. E o grande problema era a pressão que eu recebia para enviar as informações. Teve uma notícia sobre uma família que era muito influente no município, e



**Revista ComSertões**

quiseram me influenciar. Eu fugi desse controle porque eu queria ser fiel à verdade, queria procurar e procurar a verdade dos fatos.

***O que você quer dizer com enfrentar as consequências de ser jornalista?***

Por exemplo, eu era católico, mas enfrentei imediatamente problemas com a Igreja. Fui rejeitado pela comunidade católica porque eu escrevi um artigo contra a construção de mais igrejas na cidade. Eu defendia a tese de que nós já tínhamos muitas igrejas e devíamos fazer creches, hospital, fazer filantropia.

***O que sua família achava dessa vocação para o jornalismo?***

Quando falei para meu pai que ia fazer jornalismo, ele me desaconselhou: “Você tá arrumando encrenca. Estude alguma coisa que seja útil”. Ele queria que eu fosse engenheiro, além disso, na época, jornalismo não era nem profissão. Aí fui pra Recife me preparar para estudar Direito.

***Quando você foi para Recife?***

Foi em 1960, logo depois da Revolução Cubana. Comecei a ler literatura marxista e me engajei nos movimentos católicos comunistas de Recife. Eu lia tudo que me caía nas mãos. Lia demais. Tinha uma biblioteca pública na cidade que eu praticamente li tudo. Me politizei e participei do movimento estudantil. Foi um período de muita militância. Passei no vestibular de Direito, mas estavam criando o curso de jornalismo e também fui me inscrever lá. Fiz os dois cursos ao mesmo tempo. Uma vida muito sacrificada. Fiz Direito no período da manhã, e Jornalismo à noite. Como meu pai disse que não ia pagar o curso de jornalismo, tive de ir trabalhar à tarde na Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, que tinha acabado de ser criada. Além disso, também militava numa entidade chamada Movimento de Cultura Popular (MCP). Eu tinha muita predileção pela cultura popular.

***Com tantas atividades, tinham espaço e tempo para praticar o jornalismo?***

Tinha! Eu fazia das tripas coração e nos fins de semana fazia estágio no jornal Última Hora Nordeste. Tudo isso com uns 18 anos. E fui guinado a uma posição chave no governo de Miguel Arraes. Fui chefe de gabinete do secretário de educação. O governo era todo de jovens



**Revista ComSertões**

e aprendi um pouco da política por dentro. Depois passei a trabalhar com o Movimento Cultura Popular, e fui diretor administrativo do Movimento.

***Então, quando você estava nesse processo de educação popular houve o golpe?***

A própria alfabetização popular justificou muito o golpe. Diziam que estávamos preparando a revolução, que era um movimento subversivo... E veio o golpe e tudo se interrompeu. Miguel Arraes foi preso e exilado e tudo aqui passou a ser banido. Eu não tinha me formado ainda. Entre 64 e 65, fui perseguido, preso e respondi a vários inquéritos policiais militares. Luiz Beltrão, que era meu professor, me ajudou a sair de Pernambuco. Ele me arrumou uma bolsa e fui pra Quito no Equador.

***Você foi para o CIESPAL?***

Para fugir da ditadura eu fui para o CIESPAL. Foi lá que eu vi a literatura de Comunicação para o Desenvolvimento. Eu já havia farejado um pouco disso, porque o Movimento Cultura Popular foi inspirado no método Povo e Cultura da França.

Desde lá do Recife a gente tinha uma série de projetos de alfabetização de crianças e adultos, e tínhamos também as praças de cultura, onde nas praças dos bairros era instalado um aparelho de televisão e havia uma espécie de iniciação à recepção crítica da televisão. Havia uma vinculação nesse processo com a noção de desenvolvimento mais ampla.

***Qual era a sua concepção de desenvolvimento?***

Minha primeira noção de desenvolvimento vem do jornalismo. Eu queria fazer comunicação para ajudar a resolver os problemas da minha comunidade. Foi com essa noção de desenvolvimento que percebi o desenvolvimento comunitário. Eu não faço essa separação entre comunicação para o desenvolvimento e comunicação. Não há comunicação para o não desenvolvimento. Comunicação é a essência do desenvolvimento. Sem liberdade, sem democracia não podemos ter progresso. Na CIESPAL pude amadurecer essa ideia, fiquei 02 anos lá e depois fui defender a minha tese.



**Revista ComSertões**

### ***Como foi a volta ao Brasil?***

Eu vim pra São Paulo, na verdade, pra sobreviver. A perseguição era muito forte em Pernambuco e ainda perdemos o nosso primeiro filho, e o médico recomendou que mudássemos de ambiente. Aí eu tinha 23 anos e a Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP não estava nem criada. Fiquei num dilema entre trabalhar na Editora Abril ou numa agência de pesquisa de comunicação. Optei pela pesquisa, e fui ganhar o dobro do que ganharia como jornalista.

Em seguida eu fiz concurso para ser professor na Escola de Comunicações, que acabava de ser criada. Fiz o primeiro concurso e fui aprovado. Éramos três professores, mas os outros dois eram pessoas mais idosas. Eu, além de ser o mais titulado, tinha disponibilidade e fiz o que a Silvia, minha esposa, chamava de voto de pobreza. Fui ganhar na Universidade de São Paulo metade do que eu ganhava no mercado. Mas eu tinha vocação de professor.

### ***Já tinha sido professor antes?***

O Luís Beltrão foi meu professor e com ele aprendi a teoria do jornalismo. Era uma referência em metodologia do ensino de jornalismo, que era muito questionada na época. Como o Nordeste não tinha recursos para instalar uma escola de jornalismo, não tínhamos nem sequer uma máquina de escrever no curso, então ele engendrou um método que se chamava Jornal Cobaia, que me inspirou.

Era uma coisa semelhante às escolas de medicina. Nas escolas de medicina o aluno entra e recebe um cadáver para dissecar, e trabalha quatro, cinco anos com aquele mesmo cadáver. Ele fez a mesma coisa, cada grupo recebia um jornal e mandava a gente dissecar e fazer as críticas. Fazia-nos entrevistar os editores, os repórteres, os anunciantes, os leitores. Era um estudo para tentar entender. Depois a gente tinha de criar um novo jornal a partir dessa crítica. Não era só uma pesquisa de denúncia.

### ***E como era sua relação com o Beltrão?***

Em 65 é o momento em que ele veio trabalhar em Brasília, a convite do presidente Castelo Branco, e chamou-me para acompanhá-lo. Mas tivemos um rompimento porque eu me recusei a colaborar com os militares. Ele ficou magoado e passou um ano sem se



**Revista ComSertões**

comunicar comigo. Mas Beltrão foi perseguido no governo de Costa e Silva, porque ele não era alinhado com os militares. Quando mudou o governo, ele foi afastado e demitido.

Em 67 Beltrão já havia sido banido da Universidade de Brasília e o convidamos para a primeira conferência de abertura do ano letivo na ECA. Foi uma maneira que eu tive de prestigiá-lo.

***Nesse período você era o chefe do departamento de jornalismo da ECA?***

Fui nomeado chefe de departamento com 23 anos. Na verdade, fui o instalador do departamento de jornalismo. Eu era recém-formado e ao mesmo tempo também era na verdade uma espécie de exilado político. Não revelei muito as minhas linhas porque havia muita perseguição. Fiquei até 1972 quando fui descoberto pelos órgãos de segurança. Eles acharam meu passado e isso me comprometia.

Em 72, eu fui processado pelo decreto lei 477, que punia professores e alunos que fossem caracterizados como subversivos, e eu fui condenado por causa de uma aula sobre o lead, que era de inspiração norte-americana.

***Isso foi caracterizado subversivo?***

Foi, devido ao meu sistema de aula. Dou a aula teórica e em seguida faço a aplicação prática. Eu pegava os jornais do dia e eles identificavam os tipos de leads. Todos os alunos de um modo geral recortavam os jornais, colocavam no papel e faziam uma espécie de apostila, que circulou muito na universidade. Teve várias edições e chegou até mesmo a circular fora, na Organização Internacional do Jornalista, que difundia e publicava em francês, russo, árabe... Eu não sabia de nada disso. Mas os órgãos de repressão mapearam tudo e me acusaram de ser agente da construção da imagem negativa do Brasil no exterior. Fui condenado como subversivo.

A decisão final cabia ao ministro da educação. Já havia nesse período uma tensão entre a linha dura e a linha mais civilizada. E o ministro da Educação era o General Passarinho, ele quando leu o processo, não homologou, argumentando que nesse nível todos os professores seriam proibidos de estudar e de ensinar. Passarinho disse que eu era apenas um jovem idealista e a lei foi feita pra terroristas, então me absolveu. Essa atitude desmoralizou os algozes da faculdade de São Paulo. Mas mesmo assim, fui demitido.



Revista ComSertões

### ***Como você conseguiu ficar no Brasil apesar de todas essas dificuldades?***

Recebi um convite de um amigo que era pastor na Universidade Metodista e eles estavam instalando uma faculdade de comunicação. Ele era do grupo Paulo Freire, era ecumênico e trabalhou com Miguel Arraes.

Três meses depois o serviço de segurança disse que eu não poderia dar aula lá. Mas o reitor foi austero, botou eles pra fora: “Isso aqui é uma casa de Deus, quem manda somos nós da congregação”. Tinha pessoas assim no Brasil. O reitor tinha pulso. Teve coragem. Foi quando eu desenvolvi essa linha de Comunicação para o Desenvolvimento lá na Metodista. Fiquei lá até a anistia em 79, com a anistia política voltei pra USP.

Nós resolvemos seguir na linha da contra-informação, mas para apresentar alternativas. O curso da Metodista estava comprometido com a comunicação alternativa, comunicação popular. Nós trouxemos Mattelart, Francisco Gutierrez que veio da Costa Rica, Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclini, e essa turma todinha.

### ***É o começo da Escola de Comunicação Latino-Americana?***

Era um projeto de internacionalização dos estudos de comunicação no Brasil. Eu sempre defendi a tese de que ninguém pode ser provinciano. Você tem de andar “antenado” com o mundo. A Escola de Comunicação Latino-Americana começa, na verdade com a CIESPAL nos anos 60.

### ***E quando veio a INTERCOM?***

Nós criamos a INTERCOM em 77. Foi criada numa conjuntura em que a sociedade civil estava se rearticulando no Brasil. Era o governo de Geisel, não tinha espaço político para rearticular, mas a gente criava.

Com a morte de Vladimir Herzog aqui em São Paulo em 75, a contestação do regime militar começou. A morte dele, que chegou a ser professor da ECA, significou que a panela de pressão começou a explodir. Os jornalistas se organizaram pra denunciar e contestaram a farsa do suicídio. Ele morreu numa sessão de tortura e o que eles iriam fazer com o corpo do diretor do departamento de jornalismo da TV Cultura em São Paulo? Inventaram a questão do suicídio, quando veio o desmonte da farsa. Era muito tenso esse período.



Em 77 o congresso anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência que reunia todos os cientistas do Brasil (SBPC), foi proibido em Fortaleza. Cortaram todas as verbas e o congresso foi cancelado. O Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, foi à televisão e disse: “Não cancelem. Eu ofereço o espaço da PUC em São Paulo para vocês realizarem o congresso. Não tenho recursos, mas ofereço a solidariedade dos professores e alunos da PUC. Cada professor e aluno vão receber uma pessoa na sua casa”. O congresso se realizou nessa base.

Esse congresso em São Paulo foi o que abriu as portas da ciência brasileira para as ciências sociais, até então a ciência no Brasil era só física, química e matemática, ciências duras, não tinha ciências sociais. Abriram espaço e tudo tratou de ocupar o seu lugar. A comunicação já vinha se desenvolvendo como área de ponta.

### *A Comunicação já estava se institucionalizando?*

Inscrevemos a comunicação como área de pesquisa, mas precisava designar uma pessoa para a coordenação do grupo. Ninguém queria assumir, pois tinham medo da repressão. Havia um grupo de ex-alunos que me diziam: “Professor, o senhor já tá caçado mesmo... O senhor assume a coordenação do grupo e não vai acontecer mais nada”.

Em dezembro fiz a assembleia de fundação da INTERCOM na faculdade Cásper Líbero, eu também estava dando aulas lá. E foi lá que foi criada a INTERCOM. Só que dois meses depois o diretor proibiu de usar o espaço. Ficou com medo. Então nós fomos abrigados pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI), que nos emprestaram uma sala. Foi assim o nascimento da INTERCOM.

Fizemos o primeiro congresso em Santos, em 78. Foi semiclandestino. Nós queríamos fazer um evento aberto, mas ninguém queria nos aceitar. O Bispo de Santos deixou fazer na Universidade Católica, mas recomendou o seguinte: “Eu vou abrir o congresso aqui à noite na faculdade, mas os debates vocês não façam aqui. Vão fazer fora, porque é perigoso”.

Nós abrimos o congresso da Intercom na universidade oficialmente para ter a ideia da coisa legal, de que não era uma coisa feita por debaixo do pano. A abertura foi anunciada pelos jornais, mas o resto não se sabia onde estava. O primeiro congresso da INTERCOM foi preparado pra ser um ato de insurgência contra o governo militar, algo que chamávamos de resistência civil.



**Revista ComSertões**

***Quais os principais desafios da área na atualidade?***

O grande problema da nossa área de comunicação é que cresceu muito, mas está na verdade ao Deus dará. Não tem muito compromisso com a transformação do país. O que tem crescido muito é o ensino da comunicação social nas universidades. A Comunicação para o Desenvolvimento é a essência da Comunicação, mas a institucionalização dessa área como campo, como o mestrado, só está sendo retomado agora.

Outra questão atual é criar a autoestima do brasileiro, de se valorizar, sem evidentemente supervalorizar. Nem somos os melhores do mundo, mas também não somos os piores. Há um costume muito grande no Brasil, muito ruim, de que brasileiro não cita brasileiro. Prefere citar americano, europeu...

O outro problema que eu vejo é que a nova geração tá começando a se internacionalizar no sentido de dominar o inglês. O inglês é a língua universal nos nossos tempos. Então, quem quiser ter conexão internacional tem que dominar o inglês, ser fluente. Porque os nossos colegas em congresso não falam inglês, tem medo de apresentar os trabalhos e cria-se o gueto cucaratcha. Você vai pro congresso e apresenta o trabalho em espanhol e evidentemente ninguém vai lá prestigiar.